

transporte aquario / catavilhos

22/10/84

Instituto Jones dos Santos Neves  
Biblioteca

88

AJ06589

Foto de Ailton Lopes



A baía de Vitória  
está perdendo seus mais autênticos personagens

**W**ai chover à tarde. Não estudei o assunto, mas conheço. Ela chega na cheia ou na vazante”, diz Antônio Sabino Xavier, de 66 anos. “Talvez não chova. O Monchuara (olha em direção de Cariacica) não está coberto”, arrisca Arlindo dos Santos, também ele na casa dos 60.

Antônio, Arlindo, José Bispo e outros cinco catraieiros são os que sobraram de uma época em que “havia passageiro de sobra”, como lembra Antônio Sabino.

Casado há 46 anos com Maria da Penha Xavier, com quem teve quatro filhos, e deles 10 netos e seis bisnetos, Antônio não fuma, toma cerveja quando “sobra algum dinheiro”, estudou até o 3º ano primário, conheceu o mundo em navio do Lloyd Brasileiro — por onde se aposentou em 1972 — e deve seu grau de conhecimento da realidade às suas viagens pelo mundo.

“O regime tem que mudar. Se a classe média reclama, nós, pobres, o que dizer?”, questiona Antônio. “Não sou do pão e nem da água. Sou do Governo Federal e tenho que ficar calado”, diz, cauteloso, Arlindo, nascido a 10 de março de 1918 e desde 1970 aposentado dos Correios, onde trabalhou por 20 anos como “conductor de malotes”.

Viúvo há seis meses de um casamento que não durou dois anos, Arlindo vive com Laurinda da Conceição, de 56 anos, e cria seu neto, Marcos, de 10 anos, fruto do também fracassado casamento de sua filha adotiva, Ruth, de 27 anos.

Entre os seus planos para os próximos dias está o casamento. Vivendo com Laurinda, “uma crente fervorosa” da Igreja Batista, como ela tem que “descer às águas” (ser batizada), Arlindo resolveu legalizar sua situação conjugal. “Ela me trata muito bem”, admite, em tom de gratidão.

Se se recusa a falar de assuntos políticos, Arlindo admite que tem visto “muita miséria no mundo pela televisão”. Seu colega Antônio é mais direto: “Estamos vivendo num mundo cão. É crime sobre crime, a vida se torna cada vez pior”.

“Com a mudança (arrisca um

palpite em Tancredo), espero dias melhores. Não para mim, mas para a juventude que não tem escola e nem outras coisas”, sonha Antônio. Menos otimista, José Bispo dos Santos, 59 anos de idade e 10 de remo, acredita que a tendência, para os operários, é piorar. “Nossos filhos vão viver pior ainda”.

Os Cr\$ 120 mil mensais que ganha remando, José Bispo os soma a outras economias. Tem dois filhos estudando inglês, outros dois vendendo picolé e mais seis de seu casamento. Há 10 anos, com Lindinalva Bispo dos Santos, de 58 anos. O catraieiro tem uma explicação para tantos filhos em tão pouco tempo de casamento: primeiro, foram morar juntos, pra ver se dava certo. “Só me casei depois de ter certeza do que estava fazendo”.

Baiano de Ilhéus, onde nasceu a 15 de março de 1925, Bispo reclama do “povo de Paul”, que não dá preferência aos barcos. “Só nos procuram quando estão apertados, e, quando isso acontece, chegam dizendo gracinhas e acusando os catraieiros de ladrão”. Trabalhando mais com portuários e a tripulação de navios, os catraieiros têm opiniões apostas sobre seus passageiros.

Se para Arlindo, que recebe bem de filipinos e japoneses, os americanos são “pães-duros”, melhor sorte com os “gringos” tem Antônio, que inclui os noruegueses e italianos entre os generosos e deixa de fora os paquistaneses, indianos e africanos. “tudo de país pobre”. Arlindo não gosta nem de ver navios panamenhos ou brasileiros. “Eles não pagam nunca a viagem”.

Para reclamar dos “gringos” ou elogiá-los, primeiro é preciso travar um curioso diálogo com o passageiro em potencial. Como, se eles nunca foram à escola aprender qualquer língua estrangeira? Mas Antônio, por exemplo, não tem dificuldades em fazer um bem-sucedido contato, num “dialeto” que ele assegura tratar-se de inglês.

— **Taxbó (taxi boat — barco de aluguel), oferece.**

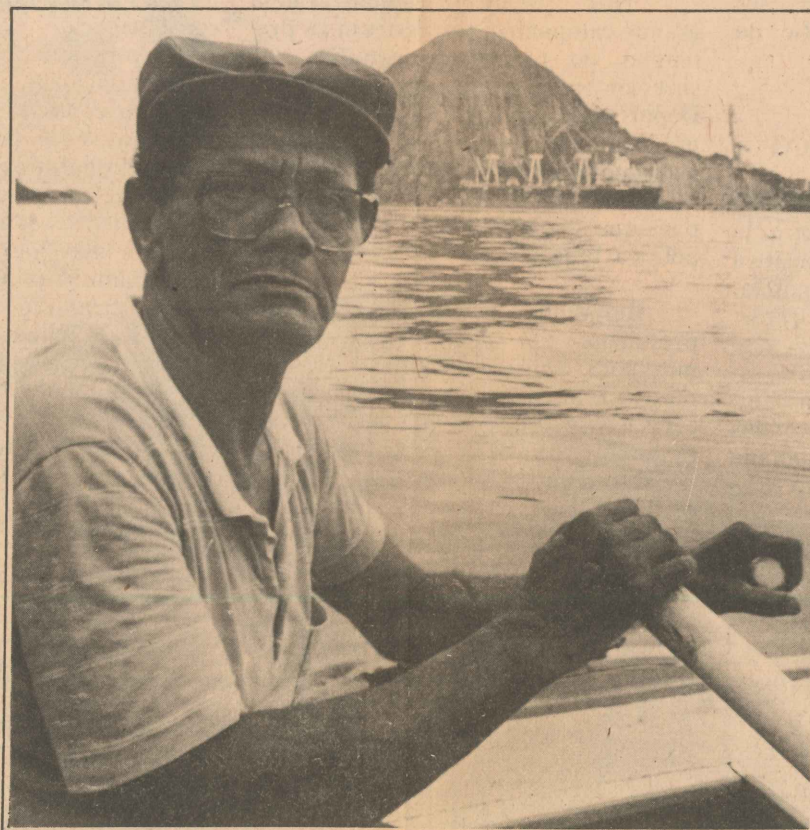
— **Mai frai, camen here (my friend, come here — amigo, venha cá), arrista Antônio.**

— **Ai match? Entende ouvir**

**Até alguns anos um batalhão de 84 remadores, os catraieiros que transportam passageiros “apertados” estão desaparecendo. Hoje, se resumem em apenas oito. Inconformados com a vida, crentes fervorosos e caridosos, eles lembram o passado, quando havia “passageiro para todos” e reclamam das lanchas**



**Arlindo dos Santos: “Sou do Governo Federal e tenho que ficar calado”**



**Antônio espera “dias melhores para a juventude, que não tem escola, nem outras coisas”**

do “amigo” how much (quanto custa)?

— **Do taun (two thousands dois mil), responde.**

Com esse conhecimento, garante, orgulhoso, ganha-se um “bom dinheiro”.

A bordo do seu barco, o **Borlot**, Antônio atravessa para Paul ou Vitória até 15 passageiros de graça, diariamente, por falta de dinheiro. Idêntica caridade faz Arlindo. Como sua mulher, “um crente fervoroso”, gosta de ajudar aos que precisam.

Sua fé faz com que não se desespere. Porque se chove, passa apertado. Dá glória a Deus, amarra o barco e vai embora. “Tenho muita fé em Jesus, autor e consumidor de todas as coisas”, como aprendeu em sua igreja.

“Gosta de televisão?”. As vezes, responde Arlindo, que não sai de casa sem antes ouvir, em sua pequena radiola, cinco discos de sua preferência. Os títulos? Todos evangélicos, naturalmente. Entre eles, **Paz Somente Paz, Oliveira Verdadeira, O Senhor é meu Pastor e Salmo 91**, do “profeta Davi”.

“Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará”... declama Arlindo, mas é interrompido por crianças que nadam no cais de Paul. “Aqui está um redator do jornal, e isso pode dar cadeia pra vocês”, alerta. Depois, prossegue com as recompensas que o Salmo 91 promete para aqueles que se refugiam em Deus. “Dar-lhe-ei abundância de dias e lhe mostrarei a minha salvação”, completa.

Remando o barco **Paraju** — comprado de segunda mão há 11 anos — para longe das crianças, que insistiam em não dar crédito às suas ameaças, Arlindo critica uma provável entrevista dada por “Seu Cristóvão”, que “falhou no que falou”. Cristóvão teria dito a um jornal que os catraieiros ganham até Cr\$ 60 mil por dia. “Se ganhasse tudo isso, estaria rico e não morando em casa alugada em Jardim Marilândia”, denuncia.

A falta de dinheiro e a dificuldade de consegui-lo fazem Antônio lembrar as lanchas da Comdusa. “Tempo bom era o das lanchas da Central Brasileira. Tinha passageiro

para todos”. Aproveita para lembrar uma promessa política feita à época da criação da Comdusa. Segundo ele, Elcio Álvares, então governador do Estado, prometera contratar todos os catraieiros, para que não se sentissem prejudicados, o que só aconteceu com dois. “Eu mesmo recusei um convite. Como catraieiro ganharia muito mais”.

O seu lado político é aguçado agora: “O dinheiro ninguém sabe onde está”, diz, analisando a crise financeira do país. “As vezes leio os jornais e vejo que tem pessoas criticando a situação econômica. A causa está na administração”, profetiza. E, em seguida, completa: “É como ter um chefe de família que quer manter uma casa gastando mais do que pode”.

No meio da baía, sem saber o que mais dizer, Arlindo arrisca um palpite: “Acho que falei muito bem. Estudei até o 2º ano primário, mas sou vivo, vivido, uma cobra criada”, sorri.

Reclama do preço da lata de tinta, que compra a cada dois meses, quando pinta o seu **Paraju**. (Sem contar a camada de piche, que deve ser dada a cada 15 dias). José Bispo, que, como seu amigo, espera “o pior” em 85, decidiu reforçar os gastos trabalhando tanto de dia quanto de noite, “arriscando a vida nas mãos dos marginais”, como diz seu amigo.

De volta ao cais de Vitória, tanto Arlindo quanto Antônio são precavidos: primeiro recebem dos passageiros, resolvem todos os problemas de troco e, finalmente, encostam o barco. Mais esperto, Arlindo pede Cr\$ 2 mil para transportar um só passageiro que, por acaso, esteja com pressa. Já Antônio, mais solidário, cobra a metade. “Deu 665?”, pergunta Arlindo a um amigo, esperando ter tido sorte no macaco. Deu, mas na dezena 64. Se acertasse no bicho, Arlindo poderia estar agora fazendo uma das coisas que mais gosta: “cheirar rapé”.

Naquela tarde, apesar da maré e do Monchuara, não choveu, como previra Antônio. Bem que Arlindo duvidou... Palpite de marítimo?